

À MESA: ALGUMAS NARRATIVAS DOMÉSTICAS

PAOLA WICKBOLDT FREDES¹; MARTHA GOMES DE FREITAS²

¹Universidade Federal de Pelotas – paolawfredes@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – marthagofre@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A presente reflexão faz parte de uma investigação, em andamento, no campo das artes visuais, desenvolvida junto ao projeto de pesquisa *Estudo sobre a Profundidade*, coordenado pela professora Dra. Martha Gomes de Freitas. O projeto se coloca a partir de uma discussão prático-reflexiva de produções que instigam, com base em suas características plásticas e conceituais, questões sobre a profundidade enquanto chave de leitura e discussão para a elaboração de um pensamento.

Nesse momento tenho como ponto de partida o vídeo *Café Passado* (Figura 1). Através dele vejo a possibilidade de discorrer sobre questões do doméstico e do cotidiano, de uma certa afetividade e profundidade que permeiam essas esferas. Para explorar alguns pontos levantados pelo vídeo trago trabalhos de outros artistas do campo das artes visuais a fim de iniciar um diálogo com produções paralelas mas, também, para a partir deles situar de forma mais assertiva minhas reflexões. Entre os trabalhos estão *You and I* de Valeska Soares, *Ok, Ok Let's Talk* de José Bechara e *Escrita Invisível* de Martha Gofre.

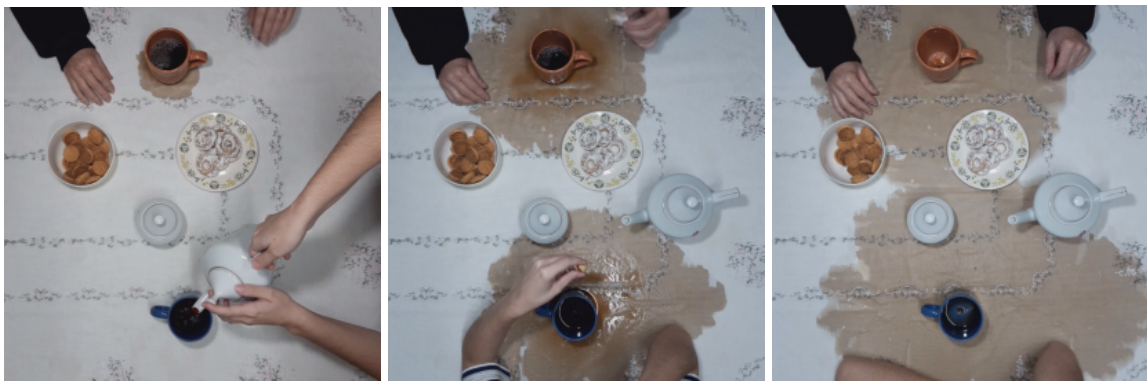


Figura 1. Paola Fredes. *Café Passado*, 2019. Vídeo. 4 '30".

2. METODOLOGIA

Café Passado propõe um olhar poético sobre o momento da refeição em sua possibilidade de estarmos juntos das pessoas com quem convivemos. Um instante de conversa - uma narrativa doméstica que se apresenta aqui como um diário compartilhado, oferecido ao público.

A partir da observação cotidiana desta refeição me aproprio de suas configurações, como a posição das louças, as comidas servidas, seus tópicos de conversa e o próprio café. Nas imagens apresentadas no vídeo, o café é servido e vaza lentamente por um pequeno furo no fundo das canecas¹, sendo absorvido

¹ As xícaras utilizadas neste vídeo foram pensadas como objetos poéticos, não servem como recipientes, todo líquido derramado dentro delas é vazado, expelido, xícaras que enquanto objetos utilitários apresentam um dado de inutilidade, são inservíveis.

pela toalha e expandindo-se de modo continuado, criando bordas e as ultrapassando. Enquanto a mancha de café cresce e avança pelas fibras do tecido, duas pessoas conversam. Perguntas como “Como foi seu dia?” e “Conseguiu falar com o mano?” são ditas em um movimento de constante troca de informações, sanando curiosidades banais, preenchendo o tempo.

Quando a conversa se esgota, o movimento do café atinge sua inércia. Há então um outro fundo na toalha unindo em seu plano as canecas, as mãos, essas em lados opostos da mesa. O que já habitava o mesmo espaço agora tem essa partilha reafirmada, sublinhada pelo fundo escuro.

O que é preciso interrogar é o tijolo, o concreto, o copo, nosso comportamento à mesa, nossas ferramentas, a organização de nossas ocupações, nossos ritmos. Interrogar o que parece ter cessado para sempre de nos espantar. É claro que vivemos, que respiramos; nós andamos, abrimos portas, descemos escadas, sentamos à mesa para comer, deitamos em uma cama para dormir. Como? Quando? Por quê? (PEREC, 2010, p. 179)

Através deste trabalho quero dar atenção ao habitual, criar a possibilidade de um olhar mais demorado para esses acontecimentos diários como o café da tarde, questionar as “coisas comuns” como nos propõe Georges Perec em *Aproximações do quê?*.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Percebo neste trabalho alguns aspectos importantes para o desenvolvimento dessa reflexão, tais como: a presença e o uso de objetos compartilhados na mesa, o uso deste móvel e a forma de ocupação feita pelas laterais deste espaço, bem como a mancha de café que ilustra de uma forma concisa essa narrativa doméstica que tento capturar.

Para pensar numa espécie de partilha de objetos que caracteriza uma certa união trago *You and I* (Figura 2) de Valeska Soares. Esse trabalho é um objeto composto por duas xícaras e seus pires banhados por um esmalte dourado, no centro de cada xícara lemos “You” e “I”, as duas são presas por uma corrente que se estica, delimitando a distância entre elas.



Figura 2. Valeska Soares, *You and I*, 2012. xícaras, pires e corrente.

Neste trabalho percebo uma reafirmação de pertencimento, pelo título principalmente, mas também pela esmaltação que reforça o conjunto e finalmente pela corrente que une as duas peças. Uma relação de uma espécie de duplo.

Em *Café Passado* vejo um cenário parecido, penso que esse dado de pertencimento se manifesta na mesa quando ocorre a partilha de certos objetos que fazem parte de um mesmo conjunto, um jogo, criando uma relação de integração, envolvendo as pessoas. Desse comprometimento podemos apresentar as palavras de Lispector em uma troca de relações bastante comum: Mas meu reflexo não estava num espelho, mas refletia uma outra pessoa que não eu. (LISPECTOR, 1999, p. 27)

Agora discorrendo sobre a frontalidade que percebo em *Café Passado* trago o trabalho *Ok, Ok Let's Talk* (Figura 3) de José Bechara. A obra é uma instalação que consiste em duas cadeiras espremidas entre diversas mesas de madeira, presas dentro deste imenso quebra cabeça geométrico, onde não existe a possibilidade de movimento, só o enfrentamento frontal dos dois móveis.



Figura 3. José Bechara, *Ok, Ok Let's Talk*, 2006. cadeiras e mesas de madeira.

Podemos ler *Ok, Ok Let's Talk* como uma conversa entre duas pessoas que está fadada a acontecer, indiferentemente de suas vontades, este trabalho sinaliza esse comportamento que o próprio móvel nos condiciona a seguir, o do enfrentamento, o cara a cara, tão característico dos momentos em que ocupamos esses espaços tangentes à mesa.

Ok, Ok Let's Talk sugere também uma experiência sobre diálogos familiares difíceis, quase impossíveis, e chama atenção para um certo mal estar a partir de um jogo cotidiano de intenções imprecisas, nascidas de uma paisagem doméstica opressiva mas ao mesmo tempo afetiva e delicada. (MESQUITA, 2006)

Tanto no trabalho de Valeska Soares, *You and I* (Figura 2), quanto em *Ok, Ok Let's Talk* (Figura 3) de José Bechara existe uma disposição dos objetos que sugere uma situação de encontro, um tipo de troca. Ela está nas xícaras postas lado a lado, unidas delicadamente pela fina corrente, ou nas duas cadeiras, uma em frente a outra, confirmada pelos próprios títulos, “Você e Eu” e “Ok, Ok Vamos Conversar” que sugerem um grau de aproximação. Em *Café Passado* esse encontro é construído pela frontalidade dos objetos que cortam verticalmente as imagens, e se materializa pelas manchas que se tocam no centro da toalha unindo em um grande campo os dois sujeitos que estão ali presentes no momento da refeição.

Como último trabalho a ser abordado aqui, trago uma fotografia que propõe uma palavra a partir do ordenamento dos copos na mesa, da organização da sua distribuição. Sob o título *Escrita Invisível*, quero a partir desta imagem, abordar essa relação com a palavra, mas também o texto que é possível extrair de lugares como a mesa, onde as relações são reescritas a cada encontro. A toalha encharcada e a própria palavra Fundo, grafada com os copos - vistos do alto, sugerem um lugar permeado de afetos, acumulador de sensações e trocas. Fundo que para além da palavra também percebo como essa camada líquida que cria seu território, seus limites e abrangências, reunindo elementos assim como a mancha escura em *Café Passado*.



Martha Gofre, *Escrita Invisível*, 2021. Fotografia digital.

4. CONCLUSÕES

Com a criação de um vídeo, proponho uma reflexão permeada por termos que possibilitam a leitura do mesmo e de trabalhos de outros artistas que menciono, criando relações entre esses. Abordo a profundidade no que toca o doméstico, num movimento de observação daquilo que vaza e mancha, daquilo que passa e repousa. Utilizo o espaço da mesa e seus objetos como ativadores de sentido e através deles trago a casa como esse território de afetos e relações. Penso desta forma o trabalho que concebi enquanto investigador do ambiente doméstico e de suas narrativas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LISPECTOR, C. **Um Sopro de Vida**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

MESQUITA, I. In: **Ok, Ok Let's Talk**. José Bechara, 2022. Acesso em 15 de Agosto de 2022. Disponível em: <http://josebechara.com/ok-ok-lets-talk/>

PEREC, G. **Aproximações de que?** In: **L'infra-ordinaire**. Paris: Le Seuil, 1989.